

# “Caso Miró”: pior do que o pintam

**Debate Património cultural**  
**José Jorge Letria**

**A**inda está para durar a polémica gerada pela saída de Portugal das 85 obras do catalão Joan Miró, um dos maiores pintores do século XX, em condições que em nada abonam a imagem do Governo português, o qual não hesitou em afirmar que a permanência desse espólio no nosso país não era uma prioridade.

Tudo o que se possa dizer sobre as várias etapas deste complexo e nebuloso processo, que começou na calamitosa derrocada do BPN e ninguém sabe ainda como e onde irá terminar, nada acrescentará de novo ao assunto, mas impõe que se extraiam algumas lições.

A primeira lição é que o actual Governo, que despromoveu a Cultura do estatuto de ministério para o de secretaria de Estado (não é coisa que se esqueça!), não está vocacionado nem interessado em lidar correctamente com as coisas da Cultura. Já se sabia, mas não é de mais recordar. Mais grave se torna ainda essa constatação se tivermos presente que o responsável máximo por esta pasta no Governo é o próprio primeiro-ministro, que tomou, sobre o assunto, uma posição enfadada e pouco convincente, usando erradamente o argumento de que, se é preciso dinheiro para financiar a Cultura, então não devemos estar a gastar uma verba avultada com “estes quadros”, como se fosse essa a questão (e não é em absoluto) e não aquela que tem vindo a manter-se no centro de um acedo debate público, que é cultural mas também, e sobretudo, político.

Outra lição pode e deve ser a seguinte: quem tiver dúvidas sobre o valor económico da Cultura, será conveniente que interprete a discussão em torno das obras de Joan Miró como a demonstração inequívoca de que a criação cultural e artística é mesmo relevante, envolvendo verbas avultadas e podendo gerar receitas apreciáveis, sobretudo quando espólios como este estão em condições de ser integrados no circuito museológico, no quadro de uma sustentável dinâmica de turismo cultural.

Recorde-se que as cidades de Barcelona e de Palma de Maiorca têm nas obras de Joan Miró, nascido na primeira cidade e falecido na segunda, onde trabalhou grande parte da sua vida depois de regressar de Paris, um dos principais motivos de atracção para turistas de todo o mundo. A Fundação Miró, em Barcelona, é um dos espaços culturais mais visitados da capital da Catalunha, o mesmo acontecendo com a casa-atelier do pintor em Palma de Maiorca. Se porventura as 85 obras do genial e inconfundível pintor permanecessem em

Portugal, em exposição permanente ou em regime itinerante, iriam, por certo, atrair muitos milhares de visitantes, com toda a receita daí proveniente, designadamente ao nível dos ingressos, mas também nos sectores da hotelaria e da restauração. Mas terá esse aspecto sido sequer levado em consideração pelos decisores políticos?

Aqui, vale a pena recordar o que aconteceu em Glasgow, na década de 50 do século passado, com o célebre *Cristo de São João da Cruz*, do também catalão Salvador Dalí. Por iniciativa persistente e corajosa de um vereador daquele município, médico de profissão e amante de arte, a tela foi adquirida por 8200 libras, valor considerado demasiado elevado. Essa compra esteve no centro de uma intensa polémica, defendendo muitos que existiam outras prioridades e que esta opção era inaceitável. Porém, poucos anos bastaram para que o quadro se tornasse um forte motivo de atracção turística para a cidade e um factor de desenvolvimento económico

em tempo de crise. E nem vale a pena falar do que o Museu Guggenheim representou e representa para Bilbao, que ajudou a sair de uma grave crise estrutural. Numa votação pública realizada em 2006, o *Cristo* de Dalí foi considerado a obra de arte favorita da Escócia, com todas as vantagens também financeiras e turísticas daí decorrentes.

É com este espírito e com esta visão que assuntos como o espólio de Miró devem ser encarados e resolvidos, com sentido estratégico, visão de futuro e sem a mesquinhez economicista que, por sinal, até contradiz o discurso duvidoso do “milagre da recuperação económica e financeira” que a realidade quotidiana do país tão amargamente desmente.

A permanência das obras de Miró em Portugal deveria ser encarada como um dever de Estado e não como uma hipotética fonte de receita capaz de atenuar os efeitos do escândalo BPN. Em relação a este tema, só me resta formular o voto de que nem o Cristo de Dalí acuda aos culpados dessa vergonha nacional que todos os dias nos esvazia os bolsos e nos faz estremecer de indignação e revolta.

**Escritor, jornalista e presidente da Sociedade Portuguesa de Autores**



Miró devem ser encarados e resolvidos, com sentido estratégico, visão de futuro e sem a mesquinhez economicista que, por sinal, até contradiz o discurso duvidoso do “milagre da recuperação económica e financeira” que a realidade quotidiana do país tão amargamente desmente.

A permanência das obras de Miró em Portugal deveria ser encarada como um dever de Estado e não como uma hipotética fonte de receita capaz de atenuar os efeitos do escândalo BPN. Em relação a este tema, só me resta formular o voto de que nem o Cristo de Dalí acuda aos culpados dessa vergonha nacional que todos os dias nos esvazia os bolsos e nos faz estremecer de indignação e revolta.

**Escritor, jornalista e presidente da Sociedade Portuguesa de Autores**

# O aprendiz de Maquiavel em dez lições

**Debate Crise e cidadania**  
**Rui Zink**

**1** *Inculca culpa na tua vítima.* Convince-a de que é responsável pelo que lhe está a acontecer. Se o fizeres, a tua tarefa estará facilitada. Lembra-te: se aqui vítima há, és tu, cujas intenções são “incompreendidas” pelos “ingratos e invejosos”.

**2. Usa palavras mágicas:** pátria, empreendedorismo, sacrifício, futuro, reformas, construir, acreditar, inovação. Baralha-as numa Bimby e faz bimbices. Se conseguires dizer sem te rires algo como “Pensar e preparar o futuro do nosso país é proporcionar às gerações que nos irão suceder as ferramentas adequadas para construir um Portugal diferente, num quadro de qualidade, responsabilidade e inovação”, tens um lugar assegurado.

**3. Diz que compreendes** a insatisfação dos prejudicados e concordas que, sim, têm razão, mas agora não pode ser nada. Justifica-te com a burocracia, a qual és o primeiro a combater. Pede para adiar o seu protesto, que tu próprio reconheces como justo, “houve de facto erros, a corrigir no futuro”, mas que em breve tudo se resolverá, se as pessoas tiverem “calma e paciência” e souberem “aguardar discretamente”.

**4. Desvia as atenções.** A forma mais prática de aliviar uma afta é martelar um dedo. Estudo de caso: há anos, um governo estava em crise com uma sucessão de demissões. Um ministro de génio (para estas coisas) marcou uma conferência de imprensa a anunciar a construção da terceira ponte lisboeta sobre o Tejo. Todos os jornalistas caíram no engodo – por malícia, naiveté ou pura cumplicidade. Aplica estes e os outros preceitos e terás a vida facilitada.

**5. Usa factos.** Não importa quais. E números. Muitos números. Mostra gráficos. Sê firme, mesmo que não saibas o que estás a dizer. Não te preocupes, com sorte o teu interlocutor não terá informação ou coragem para te confrontar, e o risco de seres apanhado é inferior a 1,6% (número que acabo de inventar, aliás). Quando te apresentarem factos contrários, responde



que “são casos isolados”. Simplifica ao absurdo mas, se necessário, foge na direcção contrária, e diz que “a questão é demasiado complexa” para ser tratada “daquela maneira” na praça pública.

**6. Chora lágrimas de crocodilo.** Se não tiveres de crocodilo, chora lágrimas de raposa, de hiena, de lobo com pele de cordeiro, de rato de sacristia, de coelho à caçadora, de abutre, ou, na pior das hipóteses, de “intensa e enorme emoção”, porque tu, “pessoa razoável e pragmática”, raramente “cedes à emoção”, mas quando cedés ela é sempre intensa e enorme, porque tu és assim e “assumes” com plenitude a plenitude da plenitude.

**7. Sabes que a crise** tem unicamente por função baixar “o custo do trabalho”. Corrijo: também servirá para vender alguns anéis públicos, e os dedos que a eles vierem colados. Só que baixar o custo do trabalho é a prioridade. Infelizmente, não o podemos dizer desta maneira. Então

mostra compaixão, geme, condóite, solidariza-te, “compreende”. Etc. Faz como te digo e vais ver que tudo corre bem.

**8. Defende e respeita a tradição.** Porque a tradição é “a alma dum povo”. Lembra que, em contrapartida, para progredir é preciso “proceder a reformas necessárias”. E são sempre necessárias, essas reformas, ainda

que “dolorosas”. Tu compreendes que são dolorosas, só que necessárias. Em simultâneo, tenta respeitar “as bonitas tradições do nosso povo e de nossos pais”. E nenhuma é tão bonita como o futebol.

**9. Escolhe bem os funerais** a que vais. Lembra-te: o morto é o menos importante, a pedra na sopa da pedra. Se te candidatas a herdeiro do trono, sê “discreto e humilde”, mas vai para a frente na fotografia. Lembra-te: quando foi confrontativo, Ronaldo perdeu; quando foi humilde, Cristiano ganhou.

**10. Ignora aqueles que dizem:** não mates o mensageiro. Matar a quem, senão ao mensageiro? Ignora aqueles que dizem que não se bate nos mais fracos: bater em quem, senão nos mais fracos? Nos mais fortes? Só os idiotas batem nos mais fortes. Não te armes em corajoso. Se quiseres mostrar coragem (até para desviar as atenções), empurra um bêbado ou humilha um criado.

Cumpram estas leis e poderás, pela calada, desobedecer a todas as outras. Amém.

**Docente universitário FCSH-UNL**